

UMA NOTA CRÍTICA SOBRE O USO DA GLOTOCRONOLOGIA NA ARQUEOLOGIA

Charles T. Snow

Introdução. A glotocronologia é um método de datação lingüística que, na opinião de uma grande parte dos lingüistas hoje em dia, tem pouco valor científico. Mesmo assim, ela continua sendo usada, por pessoas não especialistas em lingüística, como se não houvesse dúvida alguma sobre sua validade científica. Pretende-se neste trabalho chamar a atenção aos problemas mais sérios inerentes à glotocronologia, sobretudo no que se refere à arqueologia.

Resumo da Hipótese da Glotocronologia. Sem entrar em detalhes menores, que nos levariam muito longe do objetivo principal, apresentamos aqui uma visão geral da hipótese e dos métodos da glotocronologia. Num trabalho recente, Castro apresenta uma explicação bem mais detalhada da glotocronologia (Castro, 1975). Além disso, deveriam ser consultados os primeiros trabalhos sobre a glotocronologia para se ter uma compreensão maior do método.¹

Supõe-se que existe, em cada língua, um léxico fundamental universal, ou seja um léxico "não-cultural". Isso quer dizer que há certos conceitos ou objetos (tais como "água, nuvem, criança", etc.) que existem em toda sociedade, independente da cultura particular dessa sociedade.

Swadesh originou uma lista de 100 significados fundamentais, que depois foi aumentada para 200. Supõe-se também que "este léxico fundamental universal é um conjunto de significados que se mantem praticamente inalterados no curso da história de cada língua"; que "os significantes que correspondem a este léxico fundamental são, provavelmente, substituídos num ritmo estatisticamente constante"; e que "o índice de conservação destes significantes deve ser mais ou menos o mesmo para toda e qualquer língua" (Castro, *op. cit.*: 32).

Levando isso em conta, a hipótese propõe que deve ser possível estabelecer a cronologia relativa da separação de línguas ou dialetos aparentados, podendo serem classificadas em "famílias", "sub-grupos", etc., segundo o grau de parentesco lingüístico demonstrado pelo léxico fundamental universal. Swadesh estabeleceu até uma fórmula para calcular a data de separação, reconhecendo uma margem de erro padrão. Tal datação é, propriamente dita, "léxico-estatística".

Um ponto muito importante é que trabalha-se só com palavras cognatas, desconsiderando toda palavra que é empréstimo de uma outra língua.

Problemas Inerentes na Glotocronologia. Entre os maiores problemas da glotocronologia, destaca-se o fato de que nunca foi comprovado se a substituição do vocabulário fundamental mantém um "ritmo constante" ou não. O caso da família lingüística Indo-Européia é um exemplo crítico nesse sentido. A Indo-Européia é a família mais bem documentada e estudada entre todas as famílias lingüísticas da terra. Mesmo assim, não há um consenso geral quanto à cronologia da separação dos subgrupos lingüísticos dentro da família; de fato, existem até alguns especialistas em lingüística histórica que duvidam da existência de tal "família" lingüística Indo-Européia (família no sentido genético).²

Outro problema que se tem que enfrentar, tanto na lingüística histórica como na glotocronologia, é a distinção entre palavras cognatas e palavras não-cogna-

tas (sejam empréstimos ou não). Em seu estudo citado anteriormente sobre as línguas românicas, Castro "resolve" este problema, recorrendo a um dicionário etimológico das línguas Indo-Européias. Mesmo que existam dicionários etimológicos de aceitação geral das línguas melhor estudadas, como é o caso da família Indo-Européia, *não* existem estudos semelhantes sobre a grande maioria das línguas não-européias. Este será o problema fundamental quando tentarmos relacionar dados lingüísticos pré-históricos com outros dados pré-históricos.

O Problema da Pré-História Lingüística do Povos Não-Europeus. Existem na literatura arqueológica recente algumas tentativas de relacionar a glotocronologia com datações arqueológicas. Por exemplo, o estudo da cronologia arqueológica venezuelana feito por Cruxent e Rouse (1958) e o estudo sobre os Tupi-Guaranis feito por Meggers e Evans (1974). Embora Cruxent e Rouse mencionem alguns dos problemas da glotocronologia (*op. cit.*: 10), eles usam os resultados glotocronológicos para apoiarem suas interpretações baseadas em métodos de datação arqueológica, mesmo substituindo a glotocronologia para certo tipo de datação arqueológica (*Ibidem*).

O estudo de Meggers e Evans sobre os Tupi-Guaranis é ainda menos cauteloso quanto ao uso da glotocronologia para sustentar suas interpretações arqueológicas.

Na realidade, o estado atual da lingüística indígena nas américas não é suficientemente extensivo para podermos fazer datações glotocronológicas que sejam adequadas cientificamente. A diversificação da família Quéchuá (na região andina) é um bom exemplo disso. A Quéchuá é uma das mais bem estudadas entre todas as famílias lingüísticas indígenas. Em 1962, Parker usou a glotocronologia para calcular a divergência da "Quéchuá A" (a língua mais estendida geograficamente da família) e da "Quéchuá B" (a menos estendida) da língua-mãe (Parker, 1969). Calculou-se a data de separação em 853 A.D., com uma margem de erro de mais ou menos 345 anos. Posteriormente, após um período de estudos mais intensivos naquela região, ele chegou à conclusão que não é possível fazer uma datação glotocronológica certa da Quéchuá por duas razões: primeiro, a zona da Quéchuá B foi administrada e colonizada pelos Incas (que falaram Quéchuá A) por muitos anos, de tal maneira que é praticamente impossível distinguir entre cognatas e empréstimos; e segundo, se tem muito mais informações sobre a Quéchuá A do que sobre a Quéchuá B, o qual muda qualquer interpretação possível da pré-história dessas línguas.³

Em conclusão, além dos problemas inerentes na glotocronologia mencionados anteriormente, existe o problema da falta de dados adequados sobre a pré-história das línguas não-européias (e também sobre a pré-história não-lingüística daqueles povos), a qual torna inviável, em nosso ver, interpretações da pré-história baseadas na glotocronologia ou na léxico-estatística.

NOTAS

- 01 — Ver especialmente Gudschinsky (1956); Lees (1953); e Swadesh (1955). Note, porém, que embora Lees fosse antes proponente da glotocronologia, virou-se depois um dos seus maiores críticos; e chegou a rejeitar a glotocronologia por não ser válida cientificamente, numa série de artigos publicados no final da década de 50. De fato, a maior parte dos lingüistas do nosso conhecimento acreditam pouco na glotocronologia.
- 02 — Ver Saul Levin (1972),
- 03 — É interessante notar a possibilidade de uma correlação entre essa data citada por Parker e os acontecimentos na mesma região citados por Lanning (1967: 130-135). Isto é, a degeneração das tradições Huari e Tihuanaco e o abandono das suas cidades principais coincide, grosso modo, com a data citada por Parker. Porém, em vista da falta de dados mais extensivos, não passa de uma simples possibilidade. E seria um erro enorme se fizéssemos uma correlação baseada só em termos lingüísticos.

BIBLIOGRAFIA

- M. DE C. BELTRÃO e L. M. KNEIP. 1969 "Escavações estratigráficas no Estado da Guanabara" *Pesquisas*, Antropologia nº 20, p. 111.
- CASTRO, JOSÉ ARIEL. 1975. "A glotocronologia e o enfoque lingüístico da datação das línguas românicas". *Revista Brasileira de Lingüística*, Nº 2: 30-52.
- CRUXENT, J.M. e IRVING ROUSE. 1958. *An Archeological chronology of Venezuela, Volume 1*. Washington, D.C.: Pan American Union.
- GUDSCHINSKY, SARAH. 1956. "The ABC's of lexicostatistics". *Word*, vol. 12, Nº 2: 175-210.
- LANNING, EDWARD P. 1967. *Peru before the Incas*. Englewood-Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- LEES, ROBERT. 1953. "The basis of glotocronology". *Language*, Vol. 29: 113-127.
- LEVIN, SAUL. *The Indo-European Language Family*. Nova York: New York University.
- MEGGERS, BETTY J. e CLIFFORD EVANS. 1974 "A reconstrução da Pré-História Amazônica" *Paleoclimas* nº 2, Instituto de Geografia Univ. São Paulo.
- PARKER, GARY J. 1969. "Comparative Quechua Phonology and Grammar I: Classification". *University of Hawaii Working Papers in Linguistics*, Vol. 1, Nº 1: 65-87.
- SWADESH, MORRIS. 1955. "Toward greater accuracy in lexicostatistic dating". *International Journal of American Linguistics*, Vol. 21: 121-137.

TUPYNAMBÁ – Composições Gráficas
MÚTIPLA – Arte e Duplicações
Rua Ludgero Dolabela, 127 – Fones: 332-5740 – 332-5410
Belo Horizonte – Minas Gerais.